Xenofobia e Imigração

Por: Temisola Akinwande

Com mais de 60 milhões de casos e quase 1 milhão de fatalidades em todo o mundo, o vírus Covid-19 se tornou um fator catastrófico em nosso dia a dia, atrapalhando os meios de subsistência e os negócios de muitos. O vírus forçou muitas empresas a fecharem devido à redução nas taxas de consumo, com consequente perda de receita. Escolas, escritórios, lojas e outras instituições estão enfrentando grandes desafios e tendo que tomar medidas drásticas. As economias nacionais estão sendo fragmentadas, enquanto hospitais e clínicas são forçados a suportar o árduo fardo de atender às ondas de pacientes que estão sendo internados, chegando à casa das centenas de milhares. A batalha contra esta doença está longe de terminar.

À medida que a Covid-19 continua a devastar comunidades e nações, uma infecção diferente - que pode se tornar até mais prejudicial - está aumentando em um ritmo muito rápido. Nas semanas e meses seguintes ao surto do vírus, relatos de discriminação e violência racial direcionados a pessoas de origem ou descendência do Leste Asiático se tornaram comuns. Protestos por uma postura mais firme em relação à imigração, particularmente de grupos de direita em lugares como Itália, Áustria, Reino Unido, França, Holanda e Alemanha foram ouvidos.

Como consequência de mudanças violentas na sociedade, como epidemias, pandemias, incidentes terroristas ou quaisquer conflitos nacionais, a discriminação de certos grupos - particularmente as comunidades minoritárias - torna-se desenfreada[[1]](#footnote-0). Quando a epidemia de febre amarela de 1853 atingiu os Estados Unidos, os imigrantes do Leste Europeu eram alvos de discriminação e violência devido à noção de que eram suscetíveis a contrair e disseminar a doença. Durante o surto de Ebola de 2014, afrodescendentes sofreram o impacto de serem publicamente atacados racialmente e estereotipados com base na cor da pele, aparência e características. Mesmo após os ataques de 11 de setembro, muitas comunidades árabes, do Oriente Médio e do Sul da Ásia nos Estados Unidos enfrentaram danos diretos e intolerância por causa de suas identidades raciais, étnicas, religiosas e culturais. Historicamente, essa frequente estigmatização de certos grupos surge do desespero. Quando uma catástrofe como o 11 de setembro acontece e choca todos os aspectos da sociedade, não é raro que o medo leve a um desejo imediato de identificar um bode expiatório em grupos específicos como perpetradores do evento traumático.

De acordo com um estudo conduzido em junho de 2020 pelo Pew Research Center nos Estados Unidos, 39% dos asiático-americanos afirmaram ter se deparado com pessoas que se sentiam desconfortáveis ​​perto deles em público. Um em cada três afirmou ter sido submetido a comentários ou piadas racistas devido à sua origem étnica desde o início da pandemia. 26% dos americanos de origem asiática disseram que, quando saíam em público, temiam que alguém pudesse agredi-los fisicamente[[2]](#footnote-1). A CBS News alertou sobre um artigo que relatava mais de 2.000 crimes de ódio contra asiático-americanos. Os ataques podem variar de abuso online a discriminação na escola e no local de trabalho, bem como assédio físico violento.

Porém, isso não acontece apenas nos Estados Unidos. No Canadá, por exemplo, 81% dos sino-canadenses declararam temer o assédio no transporte público[[3]](#footnote-2). Na Itália, a uma mulher de origem chinesa, foi-lhe negado atendimento em um banco. A intolerância contra as pessoas de origem ou descendência do leste asiático disparou 21% em meio à pandemia no Reino Unido. Um grave incidente ocorreu no Reino Unido em fevereiro. Enquanto caminhava pela Oxford Street, um estudante de Singapura chamado Jonathan Mok foi brutalmente espancado por adolescentes que lhe disseram que “não queriam [seu] coronavírus em nosso país”. A postagem de Mok sobre seus ferimentos em sua página do Facebook provocou ondas de choque e indignação por todo o Reino Unido e pelo mundo[[4]](#footnote-3). Muitos outros confrontos com motivação racial ocorreram e a maioria passou despercebida. Eles eram, e ainda são, predominantes.

A questão da imigração também ganhou urgência com a pandemia. Antes da pandemia, países como os Estados Unidos já tinham políticas rígidas em suas fronteiras, o que diminuía muito as chances de quem quisesse pedir asilo. Em resposta à propagação da infecção, a assistência aos asilados nos Estados Unidos foi temporariamente suspensa, o que significa que aqueles que tiveram sua solicitação de visto aprovada para entrar nos Estados Unidos agora têm pouca ou nenhuma chance de chegar lá. Em menos de um mês, o Departamento de Segurança Interna (*Department of Homeland Security* em inglês) rejeitou mais de 21.000 requerentes de asilo na fronteira sul, expulsando-os de volta para o México. Refugiados e migrantes na fronteira EUA-México e em todo o mundo sofreram o pior declínio econômico e de saúde jamais imaginados[[5]](#footnote-4). No momento, existem cerca de 70 milhões de refugiados e desalojados em todo o mundo, muitos dos quais dependem de remuneração diária. De acordo com o Conselho Norueguês de Refugiados, mais de três quartos das pessoas desalojadas e migrantes perderam seus empregos e renda. A falta de acesso a água potável, saneamento, moradia, educação e - o que é mais importante neste momento - kits para diagnóstico de doenças está causando um grande impacto no seu cotidiano. Nos campos de refugiados em todo o mundo, os casos de Covid continuam a aumentar e os países anfitriões estão quase ao ponto de ruptura[[6]](#footnote-5). Em um relatório divulgado pelo ACNUR, 168 nações em todo o mundo fecharam total ou parcialmente suas fronteiras, com 90 delas sem fazer exceções para os requerentes de asilo.

Com isso, vem a questão de quem deve ser bem-vindo em um novo país. À medida que os casos de Covid-19 aumentaram, também aumentou o sentimento anti-imigrante, especialmente na Europa e até no Canadá. Na Hungria, o primeiro-ministro Viktor Orban incitou seus apoiadores de direita culpando os migrantes pela rápida disseminação do coronavírus. Ele alegou que “estamos lutando em uma guerra em duas frentes; uma frente é a imigração e a outra pertence ao coronavírus”. Para adicionar ênfase ao seu ponto, ele afirmou que há "uma conexão lógica entre os dois, pois eles se espalham com o movimento"[[7]](#footnote-6). Este discurso foi compartilhado com países como a Itália, onde Matteo Salvini apontou que imigrantes africanos e asiáticos são responsáveis pelas altas taxas de infecção, insinuando que eles trouxeram o vírus ao viajar de seus países de origem. O Ministro da Saúde da Croácia declarou que os imigrantes representam um risco maior de espalhar o vírus, enquanto alguns dos principais políticos da Sérvia ameaçaram deportar mais de 6.000 imigrantes. Na França, Alemanha e Espanha, grupos de direita exigem continuamente a suspensão do visto Schengen, que permite viajar pelas fronteiras da UE sem passaporte. Esta é uma rota que milhares de migrantes embarcam todos os anos[[8]](#footnote-7).

Historicamente, o Canadá tem sido reconhecido e elogiado por sua política de abertura para aceitar imigrantes. Com a pandemia, no entanto, isso está sendo questionado. Novos relatórios e pesquisas concluem que atitudes positivas em relação aos imigrantes estão lentamente diminuindo. Os grupos de direita, em particular, estão na linha de frente da campanha pressionando o governo para endurecer as leis sobre a aceitação de migrantes e refugiados. Antes da pandemia, cerca de 6 em cada 10 afirmaram se sentir confortáveis com os recém-chegados. Em outra pesquisa, mais de 50% dos entrevistados afirmaram que sentiam que a imigração fortaleceu a economia e a atmosfera social e cultural do Canadá. Agora, no entanto, cresce uma sensação de desconforto e ansiedade entre alguns canadenses[[9]](#footnote-8). Em uma pesquisa realizada este ano pela Universidade McMaster em Ontário, 46% dos entrevistados afirmaram que sentiam que os imigrantes estavam prejudicando o sistema de previdência social do Canadá, que vem recebendo elogio internacional nos últimos anos. Metade dos entrevistados disse que os imigrantes não estavam dispostos a adotar os princípios canadenses. O mais impressionante é que a maioria das pessoas afirmou que o governo deveria fazer mais para conter o fluxo de imigrantes; apenas 22% dos entrevistados acreditam que a imigração seria a melhor solução possível para consertar os danos econômicos causados ​​pela pandemia[[10]](#footnote-9).

A pandemia do coronavírus revelou como a sociedade humana está dividida em seus relacionamentos. O vírus mostrou como o preconceito, o medo e o estigma contribuem para o que hoje conhecemos como preconceito. No entanto, o mundo também viu aqueles que optaram por não ficar em silêncio no meio da turbulência. Na França, por exemplo, jovens de descendência do Leste Asiático circularam uma hashtag online chamada #JeNeSuisPasUnVirus (ou #NãoSouUmVírus) para levantar suas vozes contra o racismo. Em todos os Estados Unidos, linhas diretas de ajuda e serviços sem fins lucrativos, como STOP AAPIHATE, foram criados para permitir que os americanos de descendência asiática falem e eduquem outras pessoas sobre suas experiências[[11]](#footnote-10). Estas ações são muito úteis, pois nos forçam a enfrentar os problemas que escolhemos ignorar. Já lutamos no passado para eliminar a febre amarela, o ebola e o terrorismo, porém nunca devemos esquecer que uma doença mais letal - o ódio - está nos seguindo de perto. O Covid-19 pode ser curado com uma vacina, mas o estigma está mais enraizado na mente do que qualquer patógeno pode estar na corrente sanguínea. Depende de nós diagnosticá-lo antes que a doença infecte as próximas gerações.

1. Haynes, Suyin. “As Coronavirus Spreads, So Does Xenophobia and Anti-Asian Racism.” *Time*, 6 Mar. 2020, [↑](#footnote-ref-0)
2. Ruiz, Neil, et al. “Many Black and Asian Americans Say They Have Experienced Discrimination Amid the COVID-19 Outbreak.” *Pew Research Center’s Social & Demographic Trends Project*, 1 July 2020, [↑](#footnote-ref-1)
3. Institute for Canadian Citizenship. “Poll Shows the Impact of Discrimination on Canadian Immigrants amid COVID-19.” *CISION*, 23 June 2020, [↑](#footnote-ref-2)
4. BBC News. “Coronavirus: Teens Arrested over ‘racially Aggravated’ Attack.” *BBC News*, 6 Mar. 2020, [↑](#footnote-ref-3)
5. “Impact of Covid on Asylum Seekers and Refugees Report - HIAS.” Hebrew Immigrant Aid Society, 2020. [↑](#footnote-ref-4)
6. U.S. Global Leadership Coalition. “COVID-19 Brief: Impact on Refugees –.” *USGLC*, 14 Dec. 2020, [↑](#footnote-ref-5)
7. Zargar, Haris. “COVID-19 | Europe’s Far Right Whips out Anti-Migrant Rhetoric to Target Refugees during the Coronavirus Crisis.” *Bliss*, 16 May 2020 [↑](#footnote-ref-6)
8. Pianigiani, Gaia, and Emma Bubola. “As Coronavirus Reappears in Italy, Migrants Become a Target for Politicians.” *The New York Times*, 1 Sept. 2020 [↑](#footnote-ref-7)
9. Newbold, Bruce. “COVID-19 Has Hardened Canadian Views on Immigration.” *McMaster University*, 2 Oct. 2020, [↑](#footnote-ref-8)
10. Newbold, Bruce. “COVID-19 Has Hardened Canadian Views on Immigration.” *The Conversation*, 1 Oct. 2020 [↑](#footnote-ref-9)
11. BBC News. “Coronavirus: French Asians Hit Back at Racism with ‘I’m Not a Virus.’” *BBC News*, 29 Jan. 2020 [↑](#footnote-ref-10)